

COMO CRIANÇAS PERCEBEM O LEIAUTE ANTES DE APRENDEREM A LER

Ana Elisa RIBEIRO*

- **RESUMO:** Assumindo as implicações do letramento visual para os estudos linguísticos e com base na sociossemiótica de Kress e Van Leeuwen (1998, 2001, 2006) e em elementos da composição gráfica como saliência e *framing* (ou agrupamento), este trabalho relata uma pesquisa de caráter qualitativo sobre a percepção que crianças, em início de alfabetização, têm do leiaute de jornais impressos, considerados, aqui, interfaces de regime não linear ou “mosaiquicas”. Com o objetivo de conhecer o “ambiente alfabetizador” extraescolar das crianças, aplicou-se um questionário aos seus pais. Após o retorno das respostas, foram feitas entrevistas em que se observou a maneira como as crianças reagiam à proposta de diagramação do jornal e de algumas simulações de leiautes. De acordo com as respostas dos questionários, todas as crianças faziam parte de uma cultura em que objetos impressos estavam presentes. Ao longo das entrevistas, pôde-se observar que elas reconhecem as propostas do leiaute das páginas do jornal, mesmo sem saberem exatamente o que sejam notícias ou reportagens. Conclui-se que crianças inseridas na cultura escrita, mas ainda não alfabetizadas, conhecem muito sobre multimodalidade e se relacionam bem e ajustadamente com interfaces não lineares.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Letramento. Letramento visual. Expressão gráfica. Multimodalidade. Processo de alfabetização.

Alfabetização e letramentos: considerações iniciais

A distinção entre alfabetização e letramento foi discutida em importantes obras voltadas aos temas que tocam a educação e os estudos de linguagem (KLEIMAN, 1995; ROJO, 1998; SOARES, 2004) e sua importância se mantém com o passar dos anos. Com a complexificação evidente de nosso “sistema de mídia” (BRIGGS; BURKE, 2004) e a identificação de processos sociais conhecidos sob o epíteto geral de midiaticização (PINTO; SERELLE, 2006), responsáveis pela circulação social da lógica que preside a comunicação social, as preocupações com os letramentos aumentam cada vez mais e, com elas, a necessidade do

* CEFET-MG – Centro Federal de Educação Tecnológica. Belo Horizonte – MG – Brasil. 30421-169 – anadigital@gmail.com

entrecruzamento entre saberes multi, inter ou mesmo transdisciplinares¹. Discutir leitura, na atualidade, é, além de tocar estudos de linguística e texto, resvalar nos estudos da formação do leitor, do *design* gráfico (ou *web*) e das práticas sociológicas ou históricas do ato de ler.

Este trabalho está inserido nesse contexto. O relato de pesquisa que ora se apresenta se origina do incômodo que nos causa tratar da leitura como se fosse possível separá-la em camadas isoladas, como se texto, *design*, objeto e circulação pudessem ocorrer separadamente na experiência de leitura de dado leitor ou de certa comunidade deles; ou como se ao linguista coubesse estudar a leitura apenas até seus limites com o texto (palavras, frases e sentidos), deixando de lado o *design*, a contextualização do objeto lido (inclusive na história de longa duração (CHARTIER, 2001) e a multimodalidade (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, 2006).²

Neste relato, apresentamos uma pesquisa feita com base nos conceitos de letramento e multimodalidade, focalizando a leitura de jornais populares em formato tabloide do ponto de vista do *layout* (doravante leiaute, conforme dicionarizado em português, segundo Ferreira, 2003). Para mostrar a importância da percepção do *design* para a leitura, relataremos a experiência feita com crianças de uma escola de educação infantil, que, a despeito de ainda não saberem ler, começam cedo suas percepções de leitura e hipóteses sobre a navegação de/em objetos de ler. O trabalho tem, então, o objetivo de “desnaturalizar”, por meio da metodologia que se descreverá, aspectos da leitura (mesmo anteriores à decodificação das palavras) relevantes para a compreensão do texto jornalístico. Tais aspectos da percepção do leiaute nos parecem balizadores de certas expectativas e determinados resultados da leitura, embora nem sempre tenham sido levados em consideração pelos estudos linguísticos.

Este trabalho se organiza em seções que tratam [1] dos pilares teóricos e conceituais da pesquisa, sendo o mais fundamental deles a semiótica social de Kress e Van Leeuwen (2001, 2006); [2] a apresentação dos materiais, dos sujeitos, dos métodos e dos instrumentos da pesquisa. São discutidas as peculiaridades do jornal impresso como produto editorial multimodal; as 14 crianças participantes da pesquisa são apresentadas, assim como as razões que nos levaram a escolhê-las

¹ Enquanto o conceito de alfabetização denota uma apropriação mais localizada e limitada das técnicas de ler e escrever, o conceito de letramento abarca práticas bem mais amplas do que a mera decodificação. Como essa distinção não é nosso foco neste trabalho (e nem caberia neste espaço), recomenda-se a leitura dos autores citados, que tratam disso com propriedade. Algo semelhante ocorre aos conceitos de multi, inter e transdisciplinaridade, que denotam relações diferenciadas entre disciplinas e áreas do conhecimento. Lopes (2006) oferece boas discussões sobre o assunto.

² Como pano de fundo teórico é possível entrever Peirce (1977), com sua proposta de compreensão pragmática dos fenômenos como um ato perceptivo/cognitivo resultante da ação simultânea das categorias primeira (*Firstness*, sensação não refletida), segunda (*Secondness*, atenção, objetificação) e terceira (*thirdness*, entendimento propriamente dito, nomeação), no qual é impossível destacar esse ou aquele componente. Optamos aqui pela tradução de Júlio Pinto para os três elementos da semiótica de Peirce.

para o trabalho; descreve-se o método desenhado para a construção dos dados, que incluiu a seleção de páginas de jornal e a simulação de leiautes; por último, [3] tecemos uma breve análise dos resultados obtidos com as crianças, o que nos leva a algumas [4] considerações finais, que nada têm de exaustivas ou definitivas. Acreditamos, no entanto, ter feito um esforço no sentido de contribuir com a discussão sobre os elementos que envolvem a leitura e a multimodalidade.

Os pilares da pesquisa

As conceituações de letramento são muitas e orientadas por pressupostos e fundamentos sensivelmente diversos. Estamos apoiados na ideia de letramentos, conforme Street (1984 apud MARCUSCHI, 2001), em que se considera a diversidade de domínios e esferas de letramento possíveis em uma sociedade como a nossa, em tempos de mídias tradicionais e novas, com intervalos cada vez menores entre uma invenção e outra, além de intervalos também curtos entre a apropriação que se faz dessas tecnologias, especialmente as relativas à comunicação e à informação.

Kleiman (1995) aponta o letramento escolar (ou acadêmico) como um dos tipos possíveis de letramento, assim como indica a escola como uma das várias agências de letramento que podem fazer parte de nossas vidas. A mesma autora, assim como relatam autores reunidos em V. Ribeiro (2003), mostra que, em dados contextos, uns letramentos são menos ou mais importantes do que outros. Também mostram essa diferença Mollica e Leal (2009), em pesquisa com jovens e adultos. É fundamental aqui o conceito de letramento visual (DONDIS, 1997), que opera na camada de sentidos construídos por meio de elementos predominantemente não verbais. Os graus de letramento (KLEIMAN, 1995) também variam e essa variação pode estar relacionada às oportunidades de desenvolvimento de pessoas ou comunidades, às necessidades, à cultura. O fato é que a cultura escrita tem forte presença em nossa sociedade e parece se fortalecer com as novas tecnologias. Comunicar-se por escrito, lendo e escrevendo satisfatoriamente, parece ser cada vez mais importante.

Mas quais são as matrizes do letramento? O que é ser letrado em uma sociedade como a nossa? Que letramentos são “básicos”? Quais apropriações de objetos e modalidades de leitura são importantes? Que relação há entre os letramentos e a leitura nas interfaces (antigas e novas) que a nós se apresentam? Como ler e se apropriar dessas interfaces? Que objetos são projetados com a finalidade de mediar leitores e textos (autores, instituições, operações, etc.)? Como o leitor aprende a reconhecer os percursos projetados para ele? Em que essas interfaces afetam a leitura e os estudos sobre ela? Essas são questões que se colocam quando lidamos com objetos de leitura de fácil acesso, cada vez mais

difundidos (inclusive fisicamente) na sociedade e, especialmente, em paisagens urbanas. Um desses objetos é, certamente, o jornal impresso, que, a despeito de vir sofrendo alterações influenciadas (ou inspiradas na) pela existência da web, tem se transformado em um suporte de leitura de ampla circulação e de produção complexa, considerando-se que vários formatos de jornais coexistem.

Materiais, sujeitos, métodos e instrumentos da pesquisa

Os jornais “populares”

O jornal nos parece um objeto de pesquisa especialmente profícuo não apenas em razão de sua difusão razoavelmente ágil e ampla, mas principalmente porque é uma das interfaces legíveis mais complexas que existem no domínio da produção editorial. Trata-se de um objeto constituído e situado cultural e historicamente, fortemente afetado, em sua produção e em seu projeto gráfico (ou *web*), por aspectos econômicos, sociais, comunicacionais e tecnológicos (FERREIRA JÚNIOR, 2003; SILVA, 2007). Com as novas tecnologias, atualmente, mais uma vez o jornal se transforma, em direção a um regime de leitura cada vez menos linear. Muito embora o jornal impresso esteja presente na vida de muitos brasileiros, especialmente nos centros urbanos, pesquisas quantitativas (RIBEIRO, V., 2003) não o apontam como um objeto de acesso universal. No entanto, os tipos de jornais devem ser considerados um fator interferente em relação ao acesso da população e ao desenvolvimento de determinados letramentos.

As práticas de leitura de jornais são variadas e parecem entranhadas entre as práticas urbanas. Caetano (2007, p.6) afirma que jornais e revistas são “objetos culturais” que pautam fortemente a vida em sociedade, além de servirem para entretenimento e informação tanto de “fatos globais” quanto de “mundanidades da vida cotidiana”. Para a autora, “[...] os impressos concorrem pela atenção dos leitores potenciais em pequenas ilhotas multicoloridas, que são os quiosques de venda de jornais e revistas, pontuando nossos cenários urbanos, nas ruas e nos estabelecimentos comerciais”.

Ver os jornais pendurados nas bancas é cena comum, assim como a profusão de capas, manchetes e imagens, em geral, fotografias. O mosaico das capas-sumário, mais comum e mais conhecido, pode ser contrastado com as capas-pôster, de que tratam Ferreira Júnior (2003) e Silva (2007)³. Jornais são, no primeiro caso, “mídias mosaiquicas” (SANTAELLA, 2004), em que, segundo

³ Estamos considerando capas-sumário aqueles em que diversas notícias, de temas e cadernos diferentes, são justapostas, segundo algum projeto gráfico e hierarquia editorialmente decidida. Capa-pôster é um outro tipo de primeira página, em que se opta por eleger um fato apenas para figurar sozinho (ou quase sozinho) na capa, geralmente representado por uma grande foto ou uma imensa manchete.

Pina (2005, p.12), compartilhavam a mesma página “o texto literário ou não e anúncios de Semolina, espartilhos, máquinas de costura”. Além dessa justaposição aparentemente ingênua, Pina (2005, p.12) ainda lembra outras propostas (ou estratégias) do jornal:

[...] usar o texto como moldura para uma ilustração central; conversar familiarmente com os leitores; publicar as seções sempre na mesma página e em dias predeterminados; usar linhas separadoras de colunas e condutoras do olhar do leitor; trabalhar com tipos maiores para facilitar a leitura [...].

Muito embora o foco dessa autora seja o leitor e o jornal do século XIX no Brasil, muito do que se diz ainda pode ser aplicado à leitura do jornal, seja ele referência ou do tipo tabloide, este tão presente em algumas cidades. Oliveira (2004, p.1) confirma: “O papel do rádio, da televisão e, recentemente, da internet, que noticiavam ao vivo, *em ato*, os fatos que se transformam em notícia, pouco modificou a constância com que o jornal se apresenta no dia-a-dia de seus leitores”.

Diante desse olhar sobre o jornal, não é difícil justificar o fato de o considerarmos uma espécie de proto-hipertexto (RIBEIRO, A., 2008b), proposta não linear de leitura ao leitor, que precisa saber procurar, escolher e dialogar com textos, que nem sempre dialogam entre si, mas dividem o mesmo espaço físico. Como se ganha o que Oliveira (2004) chama de “familiaridade” com o jornal? Para nós, trata-se de uma questão de letramento, e agora não apenas o letramento das competências verbais, mas das visuais, em interpolação ou em convergência com elas. Daí ser importante considerar a multimodalidade como algo inerente à produção do jornal, acarretando a necessidade de diversos letramentos para sua manipulação ou para a interação com ele.

Oliveira (2004) traz importantes considerações sobre a interação entre leitor e jornal. Para a autora, que se baseia em Landowski e em uma abordagem sociosemiótica, o leitor se “acostuma à face do jornal”, passa a construir um modo de “articular sua leitura” e, por meio do projeto gráfico, “faz o leitor saber estar e se relacionar com ele”⁴.

Em uma descrição bastante óbvia⁵ para os iniciados, Oliveira (2004, 2006) explica:

⁴ Os projetos gráficos dos jornais vêm sendo redesenhados ao longo do tempo, como mostram Laranjeira e Quadros (2007). Esses autores chamam de “jornais neoanalógicos” aqueles que assimilam ou reelaboram aspectos de outras mídias – televisão, internet, por exemplo. Ribeiro et al. (2009) mostram, por sua vez, que isso sempre ocorre, já que as mídias funcionam em um sistema.

⁵ É preciso rever a história da interface dos jornais para atentar para uma cadernização muito recente e uma multilinearização cada vez mais intensa (SILVA, 2007).

Na estruturação da totalidade textual, o jornal é organizado em blocos de cadernos encaixados, cada um deles com um certo número de páginas, que lhe dão uma espessura e um peso físico. Antes de qualquer outro atributo, a unidade dessas partes é montada pelo modo de dar visibilidade às notícias por um projeto gráfico. Concebido com uma duração extensiva, esse projeto orienta o posicionamento e distribuição das informações nas páginas e nos cadernos, construindo a aparência do jornal em função do corte do papel em um formato quadrado ou retangular, cujas dimensões o particularizam. (OLIVEIRA, 2004, p.3).

A autora menciona a importância dos “planos de expressão” desse suporte, composto em linguagens verbal e visual, com recursos tipográficos, de *design*, que unificam textos, sendo a diagramação um “arranjo topológico de ordenação dos elementos da composição”. Essa diagramação (ou composição) apresenta ao leitor “[...] formas e cores, posicionadas em figuras geométricas regulares de quadrados e retângulos que, por uma série de relações diversas, são articulados pelo design gráfico na apresentação visual do jornal”. E são essas relações que “vestem de sentido as palavras” (OLIVEIRA, 2004, p.3).

Como desvelar esses sentidos? Quando e onde se aprende tudo isso? Quais são as atividades propostas, por exemplo, pela escola, quando trabalha com jornais? Como vimos em A. E. Ribeiro (2008b), mesmo nos mais conhecidos manuais didáticos ou paradidáticos, pouco se trata do letramento visual em relação aos diários. O que buscamos aqui é desnaturalizar a relação com o jornal, objeto mosaiquico de interface complexa, em que o leitor precisa aprender a navegar. O que nos importa, mais do que o texto verbal, neste momento, é a visualidade do jornal, implicada, certo esteja, na produção de sentidos, antes mesmo da leitura verbal, já nas expectativas que o leitor constrói sobre o que vê e lê. As palavras percebidas pelo leitor são, provavelmente, “vestidas” pelo projeto visual.

Reafirma Oliveira (2004, p.9) que “O jornal organiza e classifica as notícias ao diagramá-las nas posições várias do suporte papel. Posicioná-las nesta topologia é conferir-lhes valores e sentidos”. O plano do conteúdo não é o foco aqui, mas sua expressão gráfica. Assim como explicitam Kress e Van Leuween (2001, 2006) ou Santaella e Nöth (2008), Oliveira (2004), com base em outros autores, também menciona a importância das posições (alto/baixo, esquerda/direita, central/periférico, etc.) para a topografia dos jornais (e de sua leitura). Enquanto alguns projetos gráficos propõem certa linearização (nem sempre obedecida, **ainda bem**), o jornal propõe o salto, a diferença e a seleção ao leitor que navega. E como se forma esse “regime de interação” (OLIVEIRA, 2006)?

Caetano (2007, p.7) remete a uma tal “naturalidade com que encaramos os caracteres enfáticos das manchetes e legendas [...]; as associações de conteúdos conduzidas por recursos gráficos; o uso de imagens, sobretudo das fotográficas, [...], entre outros artifícios”. Mais adiante, a autora explicita esses “mecanismos

técnicos” como “estratégias de caráter enunciativo”, que devem sensibilizar o leitor e “provocar paradas”.

Para Gruszynski (2006), o jornal que conhecemos hoje traz muito de um *design* que ela chama de “funcionalista”, que é, porém, atravessado pela fragmentação e pela aparente desestruturação da pós-modernidade. Se a ideia é informar o leitor, sendo imparcial e neutro (como gosta de afirmar certa teoria do jornalismo-verdade), o *design* acompanha esse objetivo, tentando ser “transparente” e não se interpor entre leitor e texto (e, por sua vez, o texto em relação ao fato). Essa inverdade, já que o objetivo nos parece impossível, aparece mesmo na diagramação mais funcionalista⁶, que, ao propor tamanhos e posições a fotos e títulos, já se presta a dizer o que é mais e menos importante.

Amaral (2005) e Enne (2007) têm como objeto de pesquisa o que se conhece como “jornal popular” ou “sensacionalista”, que foi o tipo de jornal com que trabalhamos nesta pesquisa. Se do ponto de vista do tipo de plano de expressão eles apresentam pouca diferença em relação a outros tipos de jornais, ao menos em relação ao fato de serem interfaces proto-hipertextuais⁷, parece haver algo que os qualifica de maneira peculiar. De nossa parte, escolhemos um tabloide “popular” por ele ser um atual fenômeno de vendas na capital mineira (GUEDES, 2009). A facilidade de encontrá-lo (bancas, semáforos, ambulantes) e seu preço (R\$ 0,25) o tornam supostamente conhecido do público leitor e presente inclusive na vida de não leitores.

Para Amaral (2005), esse tipo de jornal é um dos segmentos da grande imprensa, no entanto é um equívoco caracterizá-lo pela suposta “degradação cultural” ou pela “sanguinolência”. Na maior parte das vezes, esses periódicos são projetados para fazer uma conexão mais intensa com o público, aproximando-se da narrativa da vida comum. Sua produção e redação permitiriam um contrato de leitura mais próximo com as pessoas, especialmente as faixas menos favorecidas da população. As características visuais e textuais desse tipo de jornal são tratadas por Enne (2007), com a intenção de que sejam melhor analisadas, evitando um discurso de “mau gosto” como caracterizador, necessariamente, do tipo de jornalismo vendido nesses objetos. O que nos importa, no entanto, para os objetivos desta pesquisa, é compreender a relação de crianças não leitoras (mas letradas)

⁶ O *design* que leva esse adjetivo tem forte influência de escolas europeias de *design* de meados do século XX. Um *design* funcional tem a proposta de ser “transparente”, ou seja, propõe-se como algo que o leitor não perceberia, dando-se ênfase aos conteúdos e ao texto. Nesse caso, é uma proposta de *design* que não objetiva se comprometer com os discursos.

⁷ Dá-se, atualmente, o nome de hipertexto a textos, em geral multimodais e hipermodais, legíveis em telas, por meio da *web*. Essa é uma concepção bastante circulante e talvez se possa dizer que seja a hegemônica, embora a consideremos pouco razoável e alheia aos fatos históricos. Chamamos de proto-hipertexto aquelas propostas de arquitetura textual já multilinear e propiciadora dos “saltos” na leitura desde as tecnologias do impresso, como é o caso dos jornais. O elemento de composição “proto” modaliza nossa afirmação e deve agradar aqueles que distinguem o hipertexto conforme o ambiente seja digital ou analógico.

com as relações visuais e textuais propostas pelos jornais *SuperNotícia* e *Aqui*, de grande difusão em Belo Horizonte, Minas Gerais. Uma das questões que nos guiam diz respeito a como se dá a formação de um leitor de textos não lineares e de interfaces mosaíquicas, aspecto de que continuaremos tratando.

O que as crianças poderiam saber sobre a leitura?

São muitos os trabalhos na área de alfabetização e ensino de escrita e leitura que tratam dos conhecimentos das crianças sobre a cultura escrita, antes mesmo de elas serem alfabetizadas. Emília Ferreiro (e colaboradores) é uma das mais conhecidas pesquisadoras do tema, com diversos trabalhos publicados a respeito da aquisição da escrita por crianças, de um ponto de vista psicogenético⁸. Em trabalho posterior ao de Ferreiro (2001), Teberosky e Colomer (2003) referem-se a concepções de alfabetização ou de ensino que chamam de “condutistas”. Estes seriam processos de ensino que partem do pressuposto de que as pessoas precisam estar “prontas” para aprender algo. Na contramão desse tipo de concepção, as autoras trabalham a ideia de “ambientes alfabetizadores” (que bem poderiam querer dizer “letradores”) como o elemento mais importante na formação de um leitor/escritor.

Kato (2002) afirma que tudo começa (ou pode ou deve começar) antes da escola. As crianças, para diversos autores, já chegam à escola sabendo muito sobre a cultura escrita. Para Teberosky e Colomer (2003, p.18), a relação das crianças com os textos e a “organização do material gráfico” faz parte dos conhecimentos “elaborados pela criança”, que, quando não sabe ler, recorre a cores, desenhos, imagens e à disposição do texto na página. Segundo as autoras, é de suma importância a identificação, por exemplo, dos limites do texto e a posterior identificação de limites de espaços internos. A caracterização das “palavras” é, em princípio, gráfica, sendo identificada como uma “figura entre os espaços em branco”. É muito conveniente enfatizar que

[...] aprender a deslocar-se sobre o texto, usando os diversos índices gráficos, textuais ou contextuais, é uma aprendizagem importante. Assim, por exemplo, a atenção às fórmulas de início e final, às letras em destaque, aos títulos, às ilustrações, etc., são formas de ajudar as crianças e navegar nos textos. (TEBEROSKY; COLOMER, 2003, p.87).

Para os letramentos diversos, portanto, é essencial que não se ensine apenas a ler e escrever, mas “diferentes formas de ler e escrever nesta sociedade”, como dizem as autoras. Esse tipo de concepção de letramento também fica explícito em

⁸ Ver, por exemplo, Ferreiro e Teberosky (1999) e Ferreiro (2001).

Lemos (2002), que exemplifica com, entre outras coisas, o reconhecimento que as crianças fazem de objetos de leitura/escrita cujas funções são diferenciadas⁹; na mesma direção, em Moreira (2002), ao relatar pesquisa em que crianças de classes sociais diferentes explicitam “condutas de interação” diferenciadas com objetos portadores de texto diferentes, salientando-se que enquanto o jornal, para algumas, serve para ler, para outras, serve para se cobrir; em Cagliari (1998), que menciona as “especulações” que qualquer pessoa faz (“mesmo sendo uma criança”) sobre usos da escrita na sociedade; em Rojo (1998), que trata da interação da criança com objetos portadores de texto em ambiente escolar e familiar; em Lemos (1998), que chama a esse processo mais amplo de “aquisição da escrita” (mais do que alfabetização), além de advogar por um tipo de pesquisa linguística que vai além de processos meramente linguísticos. Para esta autora, é necessário “recuperar a opacidade” que a escrita e sua aquisição têm, para que se possa tentar “atribuir algum saber sobre a escrita” àqueles que estão sendo alfabetizados. Abaurre (1998) corrobora esse pensamento, ao relativizar a “transparência” que os processos de aprendizagem da escrita parecem ter para nós.

E por que razão trabalhamos com crianças? Em princípio, porque poderíamos flagrá-las antes de serem alfabetizadas, embora estivessem na escola e devessem ter experiência considerável com a cultura escrita. Depois, porque nos inspiramos em Kress e Van Leeuwen (2001, 2006), que afirmam que, nos primeiros anos de escola, as crianças têm mais liberdade de expressão, especialmente em relação a modalidades visuais, além de ainda não estarem conscientes das convenções da escrita ainda e não terem o “repertório semiótico” dos adultos. Para os autores, “[...] a produção de signos pelas crianças oferece o melhor modelo para se pensar sobre a produção de sentido” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.12), considerando-se que a escola, infelizmente, vem desempenhando o papel de impedir o avanço desse tipo de letramento visual. Para os autores, as crianças “desde muito cedo, e com pouquíssima ajuda (a despeito de todo o encorajamento), desenvolvem uma surpreendente habilidade de utilizar a ‘gramática’ visual” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.20). E se é assim, esperamos poder observar a construção da leitura de interfaces mosaíquicas por crianças pré-alfabetizadas.

Multimodalidade e leiaute

Multimodalidade é um termo que vem sendo utilizado em estudos que dizem respeito à expressão dos sentidos por meio de diferentes linguagens, especialmente na relação entre texto verbal e imagem. Já são encontráveis trabalhos sobre a produção e a leitura de infográficos, por exemplo, com foco na

⁹ É relevante mencionar que Lemos (2002) assume concepções de linguagem e de sujeito fundadas na psicanálise, o que diferencia sua proposta de outras mencionadas.

relação entre textos e imagens (TEIXEIRA, 2007; DUARTE, 2006; PAIVA, 2009). A despeito de esses trabalhos tratarem da leitura sob uma ótica considerada “nova”, a multimodalidade esteve sempre presente na expressão de todo tipo de informação com que lidamos hoje e ontem. Kress e Van Leeuwen (2001, p.124), à luz da sociosemiótica, questionam-se: “Por que agora nos movemos em direção ao reconhecimento da multimodalidade sempre presente na comunicação?”¹⁰. Para os autores, “[...] a multimodalidade não é um fenômeno novo em qualquer sentido, mas sempre foi um elemento das produções sociais e culturais de sentido. Então por que o interesse agora?”¹¹ Segundo eles mesmos respondem, porque, muito embora a cultura ocidental tenha sempre parecido dar preferência ao que chamam de “monomodalidade”, a imagem vem ocupando espaço, obtendo relevância e o letramento visual será, muito em breve, uma questão de sobrevivência. O texto verbal tem sido retirado de seu lugar central, dando espaço a formas diferenciadas de produção de sentido. Para Kress e Van Leeuwen (2001), uma “nova ordem semiótica” emerge ajudada pelas novas tecnologias. A despeito de essas relações estarem mais evidentes agora, o leiaute recebe pouco tratamento nos estudos de multimodalidade, mesmo na obra de Kress e Van Leeuwen (2001, 2006).

O que é leiaute? Trata-se de uma modalidade? A expressão ou a produção de sentidos passam por aí? Flagram-se vários tipos de respostas a isso em algumas obras de Kress e Van Leeuwen. É o caso do livro de Kress e Van Leeuwen (2001, p.1), em que os autores afirmam que, na cultura ocidental, “[...] os gêneros textuais mais valorizados (romances, tratados acadêmicos, documentos oficiais etc.) são feitos inteiramente sem ilustração, são graficamente uniformes, com densas páginas impressas.” O que se pode depreender da afirmação é que “densas páginas impressas” sem ilustração são páginas monomodais, tomando-se o leiaute um aspecto ignorado da peça impressa, mesmo quando é evidente que ele pode ter efeitos negativos sobre a disposição do leitor para a leitura.

Atualmente, segundo Kress e Van Leeuwen (2001, p.28), o design ganha importância como nunca antes e é um dos estratos da expressão de sentidos estudado na proposta de multimodalidade dos autores, segundo quem “[...] todos os aspectos da materialidade e todas as modalidades encontradas em um objeto/fenômeno/texto multimodal contribuem para o significado.” Se é assim, o leiaute deve ter seu lugar na orquestração dos sentidos dados por modalidades diversas. O *design* estaria “[...] a meio caminho entre o conteúdo e a expressão. É o lado conceitual da expressão, e o lado expressivo do conceito.” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, p.5). É o design que realiza “[...] discursos em dado contexto de comunicação”. Mas será o leiaute uma modalidade? Segundo os autores, “Para

¹⁰ Todas as traduções de Kress e Van Leeuwen são de minha responsabilidade.

¹¹ É preciso salientar que esse interesse se manifesta agora entre os estudiosos da grande área de linguística, mas ele sempre esteve presente entre os semioticistas.

produtores de revistas, jornais e livros ele certamente é: as formas do layout são distintas, práticas regulares, com efeitos regulares, 'aparências e estruturas.'" (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, p.60).

Leiaute é a "'orquestração' das modalidades", uma "ordem espacial" na qual os elementos são colocados e a configuração que indica "[...] quanto são salientes, de que maneiras eles foram dispostos em relação uns aos outros ou ligados uns aos outros, como superposição, harmonia de cores, etc." (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, p.120). Diversos elementos podem estar implicados no leiaute. Inspirados em Kress e Van Leeuwen (2006), trataremos de categorias como o *framing* e a saliência no *design* da página, considerada como um sistema ou como um texto integrado a partir de alguma lógica perceptível. Composições textuais multimodais, para os autores, são formadas por três elementos, quais sejam: o valor de informação, a saliência e o *framing*. O valor da informação se relaciona com a zona em que os elementos da página são colocados; a saliência tem efeitos sobre a atração da atenção do leitor (contrastes, fundos, tamanhos relativos); e o *framing* depende da existência ou da ausência de elementos que conectam ou desconectam espaços, sentidos, informações (linhas, fios, cores, etc.).

Se, na edição de 1996 de *Reading images*, os autores ainda deixavam alguma dúvida sobre o fato de o *framing* ser um dos aspectos da multimodalidade, na segunda edição revista, de 2006, eles dizem que "[...] o *framing* é claramente um princípio multimodal. Pode haver *framing* não apenas entre elementos de uma composição visual, mas também entre as unidades escritas do layout de um jornal impresso ou de uma revista." (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.3), considerando-se entre esses elementos, por exemplo, linhas, descontinuidades, espaços em branco, etc. São modalizações cores, traços e posições de itens. Fica claro, então, que revistas e jornais são composições espaciais multimodais e que a modalidade ligada ao leiaute é de suma importância nessas peças gráficas, podendo haver não apenas orquestrações harmônicas dos elementos, mas também o que os autores chamam de "*layouts* anômalos".

Diante dessas considerações, é possível analisar o que as crianças sabem sobre a cultura escrita com base na percepção da multimodalidade de algumas peças gráficas, sendo o jornal uma das mais complexas. Para Kress e Van Leeuwen (2006, p.202), "Os leitores de uma composição espacial são intuitivamente capazes de julgar o 'peso' de vários elementos da composição, além de avaliar o peso de cada elemento, assim como sua saliência." Nós queremos dizer que os sentidos que podem ser produzidos pela modalidade implicada no leiaute são construídos por comunidades e pessoas letradas até mesmo antes que elas aprendam a ler ou sejam plenamente alfabetizadas. O julgamento dos "pesos" e da saliência é anterior à modalidade escrita, e as trilhas dadas pelo leiaute podem ser apropriadas pelo interagente sem que ele saiba propriamente ler. Jornais oferecem ao leitor trilhas

de leitura pouco sutis, mas muito dependentes das escolhas dele. Para Kress e Van Leeuwen (2006, p.208), a linearidade e a não linearidade dos textos são “[...] dois modos de leitura e dois regimes de controle da produção de sentido[...]”, podendo ser esse controle maior ou menor. Tratados como diagramas, os leiautes de jornais tentam fazer esse controle com imagens, palavras, tamanhos, cores, tons, boxes, ou seja, “participantes heterogêneos” com função principal de organização. Aprender a navegar por essas propostas é importante e, para nós, começa cedo, antes mesmo do reconhecimento das palavras.

Método

Com a intenção de propiciar uma experiência de manipulação de jornais a crianças ainda não alfabetizadas para melhor compreender algumas de suas hipóteses sobre a interface gráfica e a leitura desses objetos, observamos uma turma de terceiro período de uma escola de educação infantil em um bairro de classe média baixa de Belo Horizonte. Ao todo, eram quinze crianças sob a responsabilidade de uma professora formada no curso Normal.

Antes da visita propriamente dita, foram selecionados dois números do jornal popular *SuperNotícia* (grupo Sempre Editora/O Tempo) para a visualização de algumas páginas que seriam nosso material de análise. Os pais de todas as crianças foram consultados sobre a participação de seus filhos nesta pesquisa, assinaram um termo de autorização e responderam a um questionário que visava a conhecer o “ambiente alfabetizador” das crianças a serem entrevistadas.

Em duas tardes de junho de 2009, a pesquisadora dirigiu-se à escola e combinou com a professora que duplas de crianças fariam uma visita a uma sala separada para a leitura dos jornais. As crianças demonstraram o desejo de participar, disputando quem iria primeiro.

O questionário respondido pelos familiares das crianças continha perguntas sobre a idade de cada uma, profissão dos pais, grau de escolaridade, existência de livros e outros materiais impressos em casa e disponibilidade desses materiais. A experiência proposta às próprias crianças era a de ver e manipular os jornais levados pela pesquisadora, respondendo a solicitações relacionadas ao leiaute.

Com a intenção de tecer uma análise qualitativa das respostas das crianças, não nos preocupamos com a tabulação de dados numéricos, que pouco nos diriam sobre o que gostaríamos de analisar. Dos quinze questionários enviados às famílias, quatorze foram devolvidos. Das quinze crianças, quatorze participaram da atividade com jornais.

Em uma sala clara e aberta, as crianças eram apresentadas a uma edição do jornal *SuperNotícia* (Figura 1). A pesquisadora perguntava se meninos e meninas já conheciam aquele material, se alguém em casa lia aquele objeto, para que ele servia, se elas mesmas o teriam manipulado alguma vez. Em seguida, as crianças eram convidadas a “ler” dada página, em geral uma página dupla com muitas notícias. A pesquisadora passava, então, a observar e a perguntar por onde a criança gostaria de começar a ler, observar o trajeto do olhar das crianças, por onde elas efetivamente começavam. Perguntava-se que relação haveria entre fotos e textos, quais eram os níveis de importância das notícias, quantas notícias estavam ali dispostas. Para responder a essas últimas questões, era necessário perceber a saliência e o *framing* no leiaute do jornal apresentado.



Figura 1 – Capa do *SuperNotícia* oferecido às crianças

Fonte: *Supernotícia* (2009a, capa)

Discussão

Com relação às informações sobre os estudantes, seus pais e o ambiente alfabetizador doméstico, o terceiro período da educação infantil visitado era composto por quinze crianças, todas de 4 anos de idade, residentes na região Nordeste da cidade de Belo Horizonte. Com base nas respostas ao questionário e nos itens realmente respondidos, pais e mães tinham em média 32 anos. Os homens tinham, em sua maioria, segundo grau completo (6) ou nível superior completo (5). As mães estavam mais distribuídas entre o segundo grau completo (4), o curso superior em andamento (3) e o superior completo (4). Duas mães eram pós-graduadas.

Segundo as respostas, as famílias, frequentemente ou sempre, contam histórias para as crianças, a maioria delas revezando entre textos lidos em livros e textos orais. A despeito disso, as crianças ganham livros dos pais raramente (6) ou frequentemente (6) e ganham livros de outras pessoas raramente (14).

Em casa, são mais comuns objetos de leitura como livros e revistas. A Bíblia vem em seguida. Por último ficam jornais impressos, apostilas, catálogos, receitas e folhetos de todo tipo. É interessante notar que os jornais não são os objetos mais presentes nos lares das crianças pesquisadas. Os livros, quando existem, estão, na maioria das vezes, em estantes abertas, disponíveis. As revistas mais citadas foram as de histórias em quadrinhos e as de notícias (tipo *Veja e IstoÉ*). Dos jornais citados, a maioria é *standard* (de tamanho maior). Segundo os pais, é comum que as crianças manipulem esses materiais, especialmente observando figuras, pedindo que os adultos leiam textos para elas ou fingindo que leem histórias que inventam.

Todos os pais dizem que, ao ler, mostram as páginas aos filhos, e que as crianças os interrompem para comentar algo ou pedir explicações. As crianças às vezes fingem que escrevem. Com relação ao computador, considerado outro operador dos letramentos, apenas duas crianças não têm a máquina em casa, e, das que têm, todas possuem conexão à internet. As crianças já demonstram interesse pelo computador e suas possibilidades, gostam de teclar, fingem que estão trabalhando, utilizam jogos e começam a escrever os próprios nomes em letras maiúsculas.

Com relação às práticas dos pais, muitos afirmam ler livros com frequência ou sempre, mas metade declara sua rara leitura desse tipo de material. A leitura de revistas é mais comum, assim como a de jornais. As atividades profissionais exercidas pelos pais, em sua maioria, não têm relação direta com a leitura ou com a escrita, ou seja, escrever não é atividade central em suas profissões. Ao perguntarmos às crianças se conheciam jornais, das quatorze, treze dizem conhecer jornais no ambiente doméstico, apontando os parentes que praticam

essa leitura. Ana cita o avô, a maioria cita o pai como leitor de jornal, e alguns se referem às mães. A despeito de o objeto parecer familiar às crianças, a metade delas afirma nunca ter pegado em um jornal. Dos que já tiveram esse suporte em mãos, Aninha justifica: “Já cortei”, referindo-se a atividades de procurar gravuras para recortar e colar. Sofia diz que gosta de ver gravuras de motocicletas nos periódicos. Mesmo quando o jornal não chega a casa comprado pelos pais, as crianças contam de parentes que os trazem ou da visita dos pais à casa dos avós, onde o jornal é lido de empréstimo.

Quando mostramos os jornais *Aqui* e *SuperNotícia* a algumas crianças, elas demonstram preferência pelo segundo. Passamos então a mostrar algumas páginas pré-escolhidas e a fazer perguntas sobre o comportamento das crianças durante a navegação proposta pelos leiautes. Começamos pela saliência, por matérias pelas quais se poderia ou gostaria de começar a ler, passando por questões como identificar a quantidade de notícias nas páginas, relacionando-as entre si e com imagens (*framing*), terminando com uma simulação de quatro diferentes diagramações da mesma matéria.

- Ponto de partida

O ponto inicial de leitura (*departure point*), segundo Kress e Van Leeuwen (2006), em geral, na cultura escrita ocidental, é à esquerda, no alto da página. As crianças, quando solicitadas a responder por onde começariam a ler, parecem se ater mais a ponto de saliência do que ao início formal da folha aberta mostrada a elas. Apresentada às páginas 4 e 5 do jornal, Aninha aponta a foto de um rapaz de óculos escuros, na zona centro-superior do retângulo. Semelhantemente, João, Lucas, Fernando, Davi, Paulo, Sofia, Dudu, Stéfanie, Cecília, Isabela, Luana, Yasmin e Gabriel¹² apontam fotos como pontos de início em páginas duplas bastante densas, ainda que a área de material textual seja maior.

No caso de notícias específicas, apontamos “O último adeus”, matéria na zona centro-superior da página 5 (Figura 2), com algo que poderíamos chamar de leiaute “anômalo”, já que o texto principal tem peso menor visualmente, sendo diagramado à direita na página. Esse tipo de disposição dos elementos parece influenciar, de alguma maneira, a produção de sentidos do leitor (RIBEIRO, A., 2009). Quando perguntamos às crianças por onde elas começariam a ler essa notícia, Aninha, João e Lucas apontam o *box* “Esportes proibidos”, que lhes parece mais destacado, além de estar à esquerda. Apenas Cecília e Isabela dizem que começariam pelo O capitular à direita, mas não explicam por quê.

¹² Todos os nomes das crianças são fictícios.

SEMPRE ATUAL • 13 DE 2009

CIDADES

DESPEDA

Corpo de mineira morta em Porto Seguro (BA) ao praticar esporte radical foi cremado ontem

ÚLTIMO ADEUS

ESPORTES PROIBIDOS

Após o acidente, a Prefeitura de Porto Seguro pediu a União de Esportes radicais no Estado, até que todos os esportistas sejam fiscalizados e os equipamentos inspecionados.

De acordo com o secretário de Turismo Paulo César Magalhães, o assalto de Luísa aconteceu durante um empreendimento da empresa Cláudio Moraes Souza, proprietário da lancha em que aconteceu o acidente, ocorreu no período passado.

"A responsabilidade pela morte da jovem é onerosa e a empresa não", disse Magalhães.

Segundo ele, Souza recebeu uma autorização para exercer uma atividade comercial e deveria contar do equipamento.

Para Melissa Guimarães, sobrinha da vítima, a responsabilidade também é da prefeitura, já que a cidade recebeu o equipamento do turismo.

Anualmente, segundo o Secretário de Turismo de Porto Seguro, a cidade recebe cerca de 1,2 milhões de turistas.

"As coisas boas de serem turistas caíram com os serviços oferecidos à Belem", disse Melissa.

Sobrinho da vítima aguarda lauto de polícia

O corpo da fundadora pública da Polícia Militar Voluntária Marina Guimarães, de 60 anos, morta em um acidente na praia de Porto Seguro (BA), chegou a Belo Horizonte ontem às 10h e seguirá para o Cemitério Parque Fernandópolis em Contagem, na Grande BH, onde foi cremado.

Marina Guimarães, sobrinha da vítima, informou ontem que a família vai aguardar o laudo da Polícia Civil baiana para tomar as providências contra as responsabilidades pelo acidente, que resultou na morte da tia. A vítima era funcionária do Tribunal Regional Eleitoral (TRE) e morreu após um salto de pára-quedas pousado por uma lancha. A mulher caiu de uma altura de cerca de 50 m em um mar, depois que o vento mudou a direção e a velocidade. Eles assistiram ao desastre.

A morte de Volante está sendo investigada pela delegacia Turística Baiana, da Delegacia de Proteção ao Turismo de Porto Seguro. O corpo da lancha está preso. O piloto e dois tripulantes continuam foragidos.

Assassino foragido é preso

Um rapaz, de 21 anos, forçado na manhã de ontem, no bairro Proibidos, região leste da capital, em cumprimento a um mandado de prisão. Segundo o cabo Rubens Murta de Figueiredo Neto, Vitorino Douglas Dória é apontado como responsável pela morte do apossado. Jean Carlo Jar, em novembro do ano passado, durante um assalto.

Segundo o militar, Jar teria sacado cerca de R\$ 8.000 em um banco do bairro Alípio de Melo, e saiu de lá em companhia de um policial civil, que teria amigo dele.

Pouco distante do banco, os dois foram interceptados por uma moto, ocupada por dois homens, que anunciaram o assalto. Um deles a fez o disparo, que atingiu o motor e apossado.

A não foi possível pelo sistema de câmeras do banco e os dois assaltantes foram identificados. Um terceiro suspeito também foi identificado, mas somente dois foram presos à polícia. Ontem, finalmente, o foragido foi localizado em sua casa e preso.

Fazendeiro é executado

Almeida Kupstowski O ginecologista Gabriel Augusto Marquetti, de 62 anos, foi assassinado em um assalto, em um momento de violência na cidade, o que teria causado um transtorno cerebral. A PM ainda informou que o assassino teria chegado em uma bicicleta, que foi abandonada no local.

Familiares da vítima contaram à PM que estavam no assalto do agricultor, que ia para a fazenda pela manhã, situação na casa dele em Marli e retornou ao local de trabalho, onde ficava até a noite.

A polícia acredita que o homicídio foi um latrocínio (roubo seguido de morte), já que uma moto Honda CG-125, que estava na fazenda, foi furtada.

COMBATE AO JOGO

Dois donos de máquinas caça-níqueis foram presos ontem de manhã, na região central de Belo Horizonte, durante operação conjunta das polícias civil e militar para combater aos jogos de azar. Foram vitoriosas 12 prêmios de jogos. Nenhum jogador foi preso. Foram apreendidos 21 máquinas e R\$ 600 em dinheiro. Os doze foram encaminhados para a Delegacia Adida ao Julgado Especial Criminal, no bairro Clementina, região Oeste da capital.

Acidentes com moto crescem 22% em um ano

Motociclistas são os mais indenizados pelo DPVAT

O número de indenizações pagas a vítimas de acidentes com motocicletas em Minas cresceu 22% em um ano. Boleto divulgado pela Seguradora Líder, mostra que em 2008 foram pagas aos beneficiários do Seguro DPVAT, 3.394 indenizações, enquanto em 2007 foram 2.782. Na Brasil, as indenizações aos motociclistas cresceram 19%. Já as indenizações a acidentes, ou terrestres, em caso de vítima fatal, em termos de valores cobrados 1% no Estado, no mesmo período. No total, incluindo todos os categorias de veículos autorizados terrestres, 19.751 indenizações foram pagas em Minas Gerais em 2008. Número 4,2% maior do que em 2007, quando foram 18,1 bilhões de indenizações.

Para o presidente da Seguradora Líder, Ricardo Xavier, a falta de responsabilização das motocicletas explica o aumento em termos de indenizações. E explica também o maior valor do DPVAT para a categoria. O bilionário empresário Manoel Mendonça apresentou a indenização pela morte de Irineu Xavier, morto ao bater com sua moto em um carro. Ele foi considerado culpado e penalizado com habilitação. Mesmo assim, a família terá indenizada em R\$ 13.500.

Figura 2 – Página interna do *SuperNotícia*. A matéria “Último adeus” (no alto) foi trabalhada com as crianças por apresentar o que Kress e Van Leeuwen (2006) chamam de “*layout anômalo*”. Note-se o texto secundário (Esportes Proibidos) à esquerda, onde deveria ser o ponto de partida da leitura.

Fonte: Supernotícia (2009b, p.5).



Figura 3 – Páginas internas do *SuperNotícia* trabalhadas por sua densidade, para verificação de saliências e *framing* junto às crianças

Fonte: Supernotícia (2009a, p.10-11).

▪ Framing

Saber quantas notícias há diagramadas em páginas duplas é algo que só se identifica conforme pelo menos duas habilidades: distinguir blocos de elementos na página e seus limites uns com os outros. Avançando nesse conhecimento, para se saber qual título, legenda ou fotografia corresponde a qual bloco de textos é necessário reconhecer outras pistas visuais, que podem ser marcadas por fundos, cores, fios, fontes ou outro recurso do projeto gráfico.

No caso da página 5 do jornal, a maior parte das crianças considera as notícias marcadas pela existência de fotos. Esse critério faz com que elas indiquem que há, na página inteira, apenas duas notícias. Paulo e Sofia chegam a afirmar que “onde não tem foto não tem notícia”. Conversando, descobrimos que algumas fotos estão mais relacionadas a alguns blocos de texto. Quando se pergunta que blocos são esses em relação às fotografias, a maior parte das crianças aponta a relação correta, sem saber explicar o que as leva a isso. Em apenas alguns casos as crianças identificam as legendas, que são inseridas nas fotos, como texto relacionado às imagens. O que as crianças não sabem explicar, no entanto, não as impede de fazer as identificações corretas e propostas pelo leiaute. O *framing* provocado pelas soluções gráficas é conduzido por elementos como fios ao redor

da notícia, cores que as separam de outras, fundos que compõem o mesmo bloco de texto e imagem e colunas brancas entre uma notícia e outra. Essa composição é bastante eficiente e torna os agrupamentos muito mais enfáticos para o leitor, que pode navegar em uma notícia por vez, na ordem que desejar, a despeito de haver uma proposta de peso, ordenação e hierarquia pelo jornal.

As páginas 10 e 11 (Figura 3) são densas e contam quinze diferentes notícias, separadas por diversos marcadores, como fundos de cores variadas, espaços em branco, bordas e fios de cores diferentes, tamanhos de fonte para títulos e fotografias. Saliência e *framing* estão, o tempo todo, em jogo e afetam a percepção do leitor. Apesar da profusão de pequenos textos expostos nessas páginas, as crianças, em sua maioria, contam duas ou três notícias nesse espaço. O critério é, novamente, a quantidade de fotos que elas encontram, como se considerassem que toda a massa textual diz respeito apenas àquelas imagens. Interessante notar que, à medida que conversamos com os garotos e garotas, essa percepção muda e as contagens, também. Apenas Luana faz uma distinção menos marcada pelas fotografias. A garotinha diz: “um tantão de notícias”. Ao tentar contar, apontando com o dedo, ela chega a vinte notícias, considerando parágrafos e pequenos blocos das mesmas notícias como se fossem elementos isolados. Ela diz: “nem consigo ler”, sinalizando a poluição da composição da página e inferindo que colunas sejam notícias inteiras.

Na identificação da relação entre textos e imagens, a maior parte das crianças, mais uma vez, mesmo em uma página mais densa, consegue fazer as ligações adequadas. No caso da foto do ator Ricardo Montalban, em notícia disposta em posição privilegiada (diagonal esquerda ao alto), não há dúvidas na relação título/texto/foto. Essa, de fato, é uma das notícias mais fortemente delimitadas. Apenas Gabriel, Fernando e Davi demonstram alguma dificuldade em estabelecer relações entre blocos visuais de texto e imagem, mas manifestam outras certezas: “Quando eu for grande, eu vou aprender”. O mesmo tipo de relação ocorre na página 29, onde as crianças veem uma foto do jogador Ronaldinho.

ESPORTE + 16.3.2009

ESPORTE

28

Time de Felipão espanta a zebra na Inglaterra

O técnico Luis Felipe Scolari venceu, mais uma vez, seu adversário inglês no jogo de ida da semifinal da Copa do Mundo de 2010. O time de Felipão venceu o time de Roberto Martínez por 4 a 1. O jogo foi disputado no Estádio de Wembley, em Londres. O time de Scolari venceu por 4 a 1. O jogo foi disputado no Estádio de Wembley, em Londres. O time de Scolari venceu por 4 a 1.

Atacante mantém astral elevado nos treinos do Corinthians

RONALDINO SÓ NÃO FALA DO SEU PESO

O atacante do Corinthians mantém seu astral elevado nos treinos. O jogador não fala do seu peso, apesar de ser considerado um dos melhores jogadores do mundo. O atacante do Corinthians mantém seu astral elevado nos treinos.

Técnico da Inter diz que Adriano está 'gordo'

O técnico da Inter de Milão, José Mourinho, elogiou o desempenho de Adriano no jogo de ida da semifinal da Copa do Mundo de 2010. O técnico da Inter de Milão, José Mourinho, elogiou o desempenho de Adriano no jogo de ida da semifinal da Copa do Mundo de 2010.

Treinador troca o vôlei pelo futebol

O treinador Ricardo Neves decidiu trocar o vôlei pelo futebol. O treinador Ricardo Neves decidiu trocar o vôlei pelo futebol.

A NET é a sua CARA

Mais de 60 COMODOS. Mais de 28 opções de planos. 1, 3, 6 e 12 meses de contrato. A NET é a sua CARA.

Meta

ESCOLA TÉCNICA DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Enfermagem, Radiologia, Metalurgia, Mineração, Segurança.

Matrículas Abertas

Matrículas Abertas

Viva Motos

Av. Pedro II, 959 - Carlos Prates | Tel 3015-1515 25114038 - 25114037 - 2511-4039

Figura 4 – Página interna da SuperNotícia com matéria central sobre Ronaldinho.

Fonte: Supernotícia (2009a, p.29).

Apresentamos às crianças quatro simulações de uma notícia intitulada “Falta equipe no combate” (Figura 5). A disposição entre blocos de texto e imagens é “xadrez”, no original, com texto principal à esquerda no alto, ou seja, na posição mais convencional para leitores ocidentais. Nas simulações, essas relações são alteradas e o texto inicial pode aparecer em posições “anômalas”, se considerarmos um design mais óbvio para um leitor que lê menos pistas visuais. Este não é, certamente, o caso das crianças, que estão atentas à expressão gráfica das páginas.



Figuras 6 e 7 – Simulações de diagramação do *SuperNotícia* com alterações na posição dos elementos gráficos da notícia.

Fonte: Elaboração própria.



Figuras 8 e 9 – Simulações de diagramação do *SuperNotícia* com alterações na posição dos elementos gráficos da notícia.

Fonte: Elaboração própria.

A questão posta para as crianças, novamente, foi em relação ao ponto pelo qual começariam a ler. A maioria delas indica o *departure point* no texto principal (“Mesmo a Secretaria de Estado da Saúde fazendo um alerta...”), que em três casos ficou posicionado à esquerda ou no alto. Embora não tenhamos perguntado aos

participantes por que razões eles gostariam de começar a ler pelos pontos que indicavam, podemos levantar hipóteses que dizem respeito ao fato de os textos estarem no alto do diagrama da notícia. Outro elemento que parece importante (e saliente) é o tamanho da massa de texto principal da notícia, que pode ser um indicador de que se trata de algo que mereceu mais espaço, portanto, talvez mereça mais atenção.

A simulação 3 foi o caso que se destacou na leitura dos garotos e garotas, já que grande parte deles apontou o box como início de leitura. Neste caso, ele ganhou muito destaque com o fundo verde e a posição no alto. O incremento de sua saliência parece ter tido o efeito de guiar os olhos do leitor, assim como pensamos ter sido no caso da notícia “O último adeus”, com leiaute ainda mais “anômalo”.

O que as crianças parecem saber sobre leitura e multimodalidade? No mínimo, esses leitores em formação parecem reconhecer no leiaute uma primeira proposta de orientação para a prática de ler interfaces não lineares, mosaiquicas, em que blocos visuais concorrem entre si e disputam a atenção do leitor. As crianças identificam imagens, relacionam-nas aos textos que veem acima, ao lado ou abaixo, demonstrando uma fina percepção de fundos, fios, espaços em branco e relações marcadas por tamanhos de fontes e larguras de títulos. Aninha não sabe o que é notícia. Ela não conhece esse conceito ainda, relacionado às práticas do jornalismo e à agenda das pessoas em relação aos acontecimentos. Aninha só sabe que uma imagem mostra algo e que um bloco cheio de letrinhas diz algo sobre aquela foto. E isso não é pouco.

Conclusão

Os dados que analisamos, embora apenas ligeiramente, apontam para o fato de que crianças conhecem muito sobre a cultura escrita e suas tecnologias antes mesmo de serem alfabetizadas. O ambiente alfabetizador que encontram em casa, no mundo e na escola favorece o conhecimento que constroem no contato com objetos de ler, mesmo quando eles são tão complexos quanto um jornal. A naturalização progressiva do conhecimento dessas tecnologias de navegação em objetos de ler parece nos tirar a consciência das operações criativas e complexas que executamos e que nos levam a ler o leiaute (antes ou durante a leitura do texto). Essa talvez seja uma característica da *primeiriza* do leiaute, o que não o torna menos importante ou expressão menor de algum discurso.

Para Kress e Van Leeuwen (2006, p.41), não há textos monomodais – ou todo texto é multimodal (KRESS; VAN LEEUWEN, 1998):

Um texto escrito, de maneira parecida, envolve mais do que língua: ele está escrito *em* algo (papel, madeira, pedra, metal, etc.) e é escrito *com* algo (ouro, tinta, cinzel, pontos de tinta, etc.); com letras formadas como tipos, influenciadas pela estética, por aspectos psicológicos, pragmáticos, entre outros. E por um layout imposto pelo suporte material, uma página, a tela do computador ou a placa de lata. A multimodalidade dos textos escritos ainda é muito ignorada, especialmente em contexto escolar, na teorização linguística ou no senso comum. Atualmente, na era da “multimídia”, ela começa a ser percebida novamente.

Nessa perspectiva, tratar apenas do texto não é mais do que uma abstração da linguística, que faz, então, um recorte no objeto complexo que é, por exemplo, a escrita ou a leitura em determinados suportes. Não parecemos considerar a expressão gráfica algo importante, mas, para os autores, “o modo de inscrição muda o texto”, assim como para muitos não linguistas e, talvez, como poderia parecer às crianças. A multimodalidade é, então, característica de todo texto, podendo ser balanceada de infinitas formas, incluindo-se aqui aspectos da leitura em novos regimes de leitura não linear, em ambientes de tecnologia digital, por exemplo. Muito embora Kress e Van Leeuwen (2006) denunciem a escola como um ambiente que vem desconfigurando a percepção da “gramática visual” que as crianças têm, preferimos entender, com base nestes dados e em dados obtidos em outras etapas desta pesquisa, que a criança aprende a operar interfaces complexas para ler e as naturaliza ao longo do tempo, ao ponto de não percebê-las ou de torná-las “transparentes”, como pode ser o caso da percepção do *framing* e das saliências orientadas pelo projeto gráfico dos jornais. Ao que parece, o que a escola faz é não focalizar as interfaces como objetos de estudo.

Agradecimentos

Betânia, Gisele, Andreza, Juliana e, principalmente, Carol e Priscila, da escola infantil visitada, pela carinhosa receptividade. Aos pais e alunos vinculados à escola. À Ana Cristina Ribeiro, pelos jornais e pelas simulações de *layout*. Ao prof. Júlio Pinto (PUC- Minas), pela interlocução.

RIBEIRO, A. E. Children literacies: perceptions of layout and reading. *Alfa*, Araraquara, v.54, n.2, p.505-531, 2010.

- *ABSTRACT: Assuming the implications of visual literacy for language studies and based on the Socio-semiotics of Kress and Van Leeuwen and elements of graphic composition like framing and salience, this paper reports a qualitative study on the illiterate children's perception of the layout of printed newspapers, here considered a nonlinear or a “mosaique” interfaces regime. In order to know the extraescolar “environmental literacy” of children, we applied a questionnaire to their parents. After the return of responses, interviews were made in which we observed*

how the children reacted to the proposed layout of the newspaper and some simulations of layouts. According to the answers of the questionnaires, all children were part of a culture in which printed objects were present. During the interviews, we could see that they recognize the proposed layout of newspaper's pages, even without knowing exactly what is news or reports. Conclude that children involved in the written culture, but still illiterate, know much about multimodality and relate well with fairer and non-linear interfaces.

- **KEYWORDS:** Literacy. Visual Literacy. Graphic expression. Multimodality. Processes of Alphabetization.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M. Posfácio: a aquisição da escrita do português: considerações sobre diferentes perspectivas de análise. In: ROJO, R. (Org.). *Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p.205-232. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

AMARAL, M. F. Sensacionalismo, um conceito errante. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – COMPÓS, 14., 2005, Niterói. *Anais...* Niterói: Compós, Universidade Federal Fluminense, 2005. Não paginado.

BRIGGS, A.; BURKE, P. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Tradução de Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CAETANO, K. E. Percursos das imagens e modalidades do sensível. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – COMPÓS, 16., 2007, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Compós, 2007. v.1, p.1-12.

CAGLIARI, L. C. A respeito de alguns fatos do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita pelas crianças na alfabetização. In: ROJO, R. (Org.). *Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p.61-86. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

CHARTIER, R. Textos, impressão, leitura. In: HUNT, L. *A nova história cultural*. 2. ed. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p.211-138. (O homem e a história).

DONDIS, D. A. *Sintaxe da linguagem visual*. 2. ed. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DUARTE, V. M. Como está a leitura de gráficos? In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 11., 2006, Uberlândia. *Resumos...* Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2006. Não paginado.

ENNE, A. L. S. O sensacionalismo como processo cultural. In: ENCONTRO ANUAL

DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – COMPÓS, 16., 2007, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Compós, 2007. 1 CD-ROM.

FERREIRA, A. B. de H. *Aurélio século XXI*. Rio de Janeiro: Positivo, 2003. 1 CD-ROM.

FERREIRA JÚNIOR, J. *Capas de jornal: a primeira imagem e o espaço gráfico visual*. São Paulo: SENAC, 2003.

FERREIRO, E. *Reflexões sobre alfabetização*. 24. ed. Tradução de Horácio Gonzáles. São Paulo: Cortez, 2001. (Questões da Nossa Terra, v.14).

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. (Edição comemorativa de 20 anos de publicação).

GRUSZYNSKI, A. C. Comunicação gráfica e pós-modernidade. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 15., 2006, Bauru. *Anais...* Bauru: Compós, 2006. Não paginado.

GUEDES, M. C. R. Jornalismo popular massivo: quem é o leitor do Super Notícia? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Intercom, 2009. Não paginado.

KATO, M. A. Apresentação. In: _____. *A concepção da escrita pela criança*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002. p.7.

KLEIMAN, A. B. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. 2. ed. London: Routledge, 2006.

_____. *Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication*. London: Hodder Arnold, 2001.

_____. Front Pages: (the critical) analysis of newspaper layout. In: BELL, A.; GARRET, P. (Ed.). *Approaches to media discourse*. Oxford: Blackwell Publishing, 1998. p.186-219.

LARANJEIRA, A. N.; QUADROS, C. I. de . Assim caminha o jornalismo do século XXI: do digital ao neo-analógico. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 16., 2007, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Compós, 2007. Não paginado.

LEMOS, C. T. G. de. Prefácio. In: KATO, M. A. *A concepção da escrita pela criança*. 3.ed. Campinas: Pontes, 2002. p.8.

_____. Sobre a aquisição da escrita: algumas questões. In: ROJO, R. (Org.). *Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p.9-14. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

LOPES, L. P. M. (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MOLLICA, M. C.; LEAL, M. *Letramento em EJA*. São Paulo: Parábola, 2009.

MOREIRA, N. C. R. Portadores de texto: concepções de crianças quanto a atributos, funções e conteúdo. In: KATO, M. A. *A concepção da escrita pela criança*. 3.ed. Campinas: Pontes, 2002. p.15-52.

OLIVEIRA, A. C. M. A. de. A dupla expressão da identidade do jornal. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 15., 2006, Bauru. *Anais...* Bauru: Compós, 2006. Não paginado.

_____. Jornal e hábito de leitura na construção da identidade. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 13., 2004, São Bernardo do Campo. *Anais...* São Bernardo do Campo: Compós, 2004. Não paginado.

PAIVA, F. A. *A leitura de infográficos da revista SuperInteressante: procedimentos de leitura e compreensão*. 2009. 204f. Dissertação. (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

PEIRCE, C. S. *Semiótica*. Tradução de J. T. Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1977.

PINA, P. K. C. O jornal e a leitura no Oitocentos brasileiro. In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, 5., 2005, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Intercom, 2005. Não paginado.

PINTO, J.; SERELLE, M. *Interações midiáticas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

RIBEIRO, A. E. O layout e a leitura. Implicações da diagramação do jornal na compreensão leitora. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 17., 2009, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Compós, 2009. Não paginado.

_____. *Navegar lendo, ler navegando: aspectos do letramento digital e da leitura de jornais*. 2008. 248f. Tese. (Doutorado em Estudos Linguísticos, Linguagem e Tecnologia) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008a.

_____. Jornal na sala de aula. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v.14, p.66-69, 2008b.

RIBEIRO, A. E. et al. Folheando de mentira: leituras de jornais impressos na web. *Contemporânea*, Salvador, v.7, n.1, p.1-32, jun. 2009.

RIBEIRO, V. M. (Org.). *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. São Paulo: Global, 2003.

ROJO, R. H. R. O letramento na ontogênese: uma perspectiva socioconstrutivista. In: ROJO, R. (Org.). *Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p.121-172. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

SANTAELLA, L. Antecedentes da alinearidade hipermediática nas mídias mosaíquicas. In: BRASIL, A. et al. (Org.). *Cultura em fluxo: novas mediações em rede*. Belo Horizonte: Editora da PUC-Minas, 2004. p.26-35.

SANTAELLA, L.; NÖTH, W. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SILVA, R. S. *Controle remoto de papel: o efeito do zapping no jornalismo impresso diário*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SUPERNOTÍCIA. Contagem: Sempre Editora, n. 2440, 15 jan. 2009a.

SUPERNOTÍCIA. Contagem: Sempre Editora, n. 2441, 16 jan. 2009b.

TEBEROSKY, A.; COLOMER, T. *Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista*. Tradução de Ana Maria Neto Machado. Porto Alegre: Artmed, 2003.

TEIXEIRA, T. A presença da infografia no jornalismo brasileiro: proposta de tipologia e classificação como gênero jornalístico a partir de um estudo de caso. *Revista Fronteiras*, São Leopoldo, v.9, n.2, p.111-120, 2007.

Recebido em fevereiro de 2010.

Aprovado em setembro de 2010.